

APRESENTAÇÃO

O dossiê deste volume da *Revista interFACES* intitula-se *Escolas, academias, grupos literários e artísticos*. Pensada a partir do âmbito das Letras, a proposta atraiu contribuições de outros campos do saber, notadamente do *Design* e das Artes cênicas, provando que as linhas de desenvolvimento sugeridas atravessam diversas áreas.

Vista e apresentada como um ato solitário ou fruto da inspiração ou da genialidade de um único indivíduo, a criação artística e intelectual realiza-se normalmente como uma ação de grupo, que envolve agentes diversos até chegar a um resultado final. O processo de criação, literário ou artístico, compreende diversas etapas, incluindo momentos prévios de discussão, a testagem do produto, seus modos de circulação ou penetração nos espaços sociais através do tempo.

É frequente que a criação parta de uma inquietação individual, mas raramente ela dependerá apenas daquele que é reconhecido como o criador. Poetas e romancistas necessitam de primeiros leitores ou ouvintes, editores, impressores, ilustradores e livreiros distribuidores que farão chegar à mão do leitor o belo produto final, muito diferente de sua primeira fatura. Artistas plásticos também mobilizam diversos materiais, fabricados por diversos profissionais, e também dependem de marchands, de galeristas e de críticos que tornem a obra conhecida do público. Para que um ator suba à cena com um monólogo, por exemplo, todo um universo de criação artístico, intelectual, e também artesanal, terá sido acionado, envolvendo vários agentes (o diretor, o figurinista, o cenógrafo, etc.) para a realização daquele espetáculo no qual apenas um ator deverá se projetar.

Muitas vezes, o produto cultural se dá por meio de projetos institucionais, privados ou públicos. Mais tradicionalmente são criadas escolas e academias, grupos literários e artísticos, ou envolvendo diferentes artes, que buscam ou a manutenção dos gostos vigentes ou sua renovação, ao exprimirem seu descontentamento com o *status quo* e as estéticas ou grupos dominantes. Na era digital, outros meios de criação envolvendo novas tecnologias e profissionais da mídia são também mobilizados. Cada vez mais, deparamo-nos com a ação criadora de coletivos – fato que renova a própria concepção (ou percepção) da criação como sendo centrada num único indivíduo.

Este número da *Revista InterFACES* apresenta, então, contribuições que discutem a imagem romântica do “gênio” criador, tratam dos espaços de coletividade ou de ações coletivas envolvidas na criação intelectual e artística,

abordando grupos menos ou mais organizados que, ao longo da História, buscaram renovar as letras e as artes ou a cultura em geral.

O primeiro artigo do dossiê intitula-se “Os grupos literários entre o social e o imaginário”, de autoria de Anthony Glinoe. Ele sintetiza uma longa pesquisa sobre o fenômeno dos *cenáculos literários* franceses e as diferentes formas de coletividade, na França do século XIX. Aborda a dupla articulação entre o singular e o coletivo, entre o real e o imaginário, estruturando o texto em dois eixos: o da realidade da formação e do funcionamento de uma instituição que se configura como privada ao mesmo tempo que tem vocação para se tornar pública, por imposição de novas estéticas; e o do imaginário discursivo que a marca e a constitui. O artigo se conclui propondo uma expansão dos estudos dos fenômenos literários coletivos para outros países, tendo em mente que serão encontradas diferenças inerentes aos locais e aos períodos a serem examinados pelo pesquisador, pois as formas de sociabilidade se desenvolvem diferentemente dependendo das culturas.

Zadig Mariano Figueira Gama trata em seguida, no artigo “Academia Goncourt: a instituição em três momentos”, da criação e da importância da Academia Goncourt. O pesquisador se apoia na historiografia sobre a instituição, desde quando se tratava de um projeto pessoal a partir de um desejo testamentário. Mostra como então são colocados em cena diversos agentes do campo literário francês para a criação dessa academia que atribuirá ao gênero romance o valor que antes não lhe era reconhecido. Por outro lado, o artigo estabelece a ponte com o Brasil, ao indicar, por pesquisa de fonte primária, como o processo de criação da Academia Goncourt tornou-se um assunto midiático que entusiasmou leitores brasileiros que seguiam passo a passo o desenvolvimento da ideia e, posteriormente, o processo na justiça e a formação da academia, como se eles fizessem parte de um romance-folhetim. Por fim, atualiza a questão ao mostrar os valores perpetuados e aqueles atualmente atribuídos pela Academia Goncourt ao gênero romance, através suas premiações.

Ainda na esfera literária, o artigo “Gabriele D’Annunzio e o *Cenacolo* de Francavilla”, de Fernanda Gerbis Felipe Lacerda, leva-nos para a Itália das últimas décadas do século XIX, ao apontar o surgimento, na cidade de Francavilla al mare, na região do Abruzzo, do que passou a ser conhecido como o *Cenacolo* de Francavilla, composto por artistas de variadas tendências, como o escritor Gabriele D’Annunzio e o pintor abruçês Francesco Paolo Michetti. Esse cenáculo multifacetado se reunia na casa-convento de Michetti e foi de grande importância para a formação artística de Gabriele D’Annunzio, que lá conviveu com intelectuais como Paolo De Cecco, Edoardo Scarfoglio e Francesco Paolo Tosti. Nesse período, D’Annunzio teve a oportunidade de viajar pela região com seus companheiros de *Cenacolo*, visitando o Vale del Gizio e del Sagittario e as cidades de Aquila e Sulmona. Essa convivência cenacular fornecerá ao escritor um vasto material para a produção de suas

obras abrucesas, indicando a importância das trocas intelectuais e artísticas, com suas referências, para a criação literária.

No artigo “Crítica acerca do individualismo no *design*”, Paulo Vieira da Silva Magalhães e Alberto Cipiniuk empreendem a crítica ao individualismo no Campo do *Design*, que reconhecem carecer de fundamentos metodológicos e científicos capazes de melhor definir o estatuto do trabalho do *designer*. Assim, contribuem com o dossiê ao questionarem a própria noção de autoria na área, que continuaria a insistir na “autoridade” do *designer* sobre o artefato industrial e na assinatura dos projetos, fato que mascararia as relações de força e de dominação que envolvem os meios de produção dos artefatos de *design*. Os autores criticam igualmente o imaginário que vê a origem do Campo do *Design* no Campo da Arte, apoiando-se em seus valores tradicionais, como a noção de *gênio*. Para tal, realizam um estudo histórico, sociológico e filosófico tendo por finalidade propor uma compreensão histórico-social da individualização do trabalho do *designer* desde a Renascença, a fim de promoverem um entendimento mais acurado da questão no âmbito da sociedade industrial capitalista moderna, na qual “o trabalho do *designer*” seria “uma prática social” devendo ser considerado também em sua dimensão política.

Em “Rascunhos e esboços: indícios do processo criativo na literatura e no *design* gráfico”, Thais Arnold Fensterseifer e Márcia Ivana de Lima e Silva propõem, ampliando a discussão do dossiê, uma ponte entre os métodos e processos criativos no campo do *design* gráfico e aqueles empregados no campo da literatura, o que estabeleceria uma frutífera colaboração entre as duas áreas. Para as autoras, do mesmo modo como ocorre na análise dos rascunhos literários – leia-se, nos modos operacionais da Crítica Genética –, também seria possível avançar no conhecimento do processo criativo em *design* a partir do exame dos esboços e das versões que são desenvolvidos nas várias etapas de criação, até que se chegue ao resultado final. O estudo dos rastros deixados pelo trabalho do *designer* (fartamente exemplificado) pode servir para o entendimento do processo como um todo e, assim, elucidar a própria criação.

É pela noção do trabalho coletivo que Camila Feltre discute o processo de criação de livros no seio de equipes do curso de pós-graduação de A Casa Tombada/SP. O artigo intitulado “Materialidade do livro como convite à criação” destaca a materialidade do objeto livro, suas cores, texturas, seus aspectos de *design* gráfico e o próprio processo de fabricação/criação do objeto, que é narrado através de depoimentos. Ao trazer exemplos desses livros que se criam, a autora dá destaque aos agentes envolvidos no processo como os *designers* gráficos, os autores, os ilustradores, além dos “grupos que se dedicam à formação”, como cursos, editoras, livrarias, espaços culturais que acolhem projetos de leitura. Para Camila Feltre, “trata-se de uma rede que atua em prol da discussão sobre livros e seus modos de produção, mediação e

circulação”. O artigo se desdobra em relato de uma experiência de sucesso, com sua proposta de oficinas e cursos de criação de livros. Revela as angústias, os desafios e as alegrias daqueles que aceitam seguir pelas diversas “trilhas da criação”.

Também colocando em questão a noção de autoria na criação, Paula Davies Rezende traz em “Simulacro e repetição como contrainformação na era da sociedade de controle” uma reflexão sobre a capacidade da imagem-simulacro pós-moderna de se constituir como um ato de resistência política, sem abrir mão de seu valor estético. A autora discute as críticas que apontam o esvaziamento do significado associado ao simulacro e à liberdade com o compromisso com o real. Indica, igualmente, o caráter preconceituoso de certos posicionamentos que rebaixam e negam as “novas técnicas de produção e [os] novos sujeitos discursivos que vão surgindo no bojo das produções pós-modernas”. Os exemplos que propõe oferecem imagens-simulacros que desafiam a ideia de originalidade e de autoria, funcionando como “crítica e subversão do próprio meio”, ao ressignificarem os sentidos pelos procedimentos da apropriação e da repetição. Exemplifica com várias obras internacionais e nacionais, destacando principalmente os memes, sobre os quais discorre, mostrando que eles podem tanto legitimar discursos políticos quanto servir como contradiscurso. Nesse sentido, a Internet e o Instagram são fontes, suporte e veículo de produção artística pós-moderna – como para a artista Aleta Valente e o coletivo Projetemos.

O artigo que encerra o dossiê, intitulado “Relações artístico-pedagógicas além da cena, possibilidades coletivas do teatro de grupo”, de Caio Sérgio Franzolin e Carminda Mendes André, encaminha a discussão para um outro campo de atuação social no qual também é problematizada a noção do individualismo na criação: o teatro. Já de início, a criação teatral é vista como um ato coletivo, geralmente ocultado do público no momento da realização. Após um panorama histórico sobre o teatro de grupo no Brasil, são apresentados diversos coletivos teatrais atuando na cidade de São Paulo que se apoiam em conquistas legais e programas de política pública de incentivo, tanto municipais quanto estaduais e federais. Esses coletivos acabam por ressignificar os espaços que ocupam, com ações educativas que engendram dinâmicas especiais no convívio com as comunidades. Os autores lançam luz, desse modo, sobre as dinâmicas coletivas de grupos teatrais de São Paulo que extrapolam a cena e a criação artística, inserem-se nos espaços que ocupam pela cidade, que chamam de “Territórios de Criação”, e marcam ações culturais e educativas no seu entorno, podendo agir de maneira efetiva nos “processos de construção cultural”, que acabam por se conectarem em rede.

Finalmente, na seção VARIA, o artigo de Airton Cattani, César Bastos de Mattos Vieira e Lu Ying, intitulado “Construindo sensibilidades entre Porto Alegre e Beijing” contextualiza o processo da realização simultânea de exposições fotográficas e a edição de livros que tratam das calçadas da cidade

brasileira e daquela chinesa, resultante de um intercâmbio acadêmico. “Fomentando o diálogo intercultural, o projeto permitiu a brasileiros e chineses a oportunidade de fruir a beleza trivial que nos cerca, presente em coisas tão banais como calçadas.” Da observação das calçadas, a experiência multidisciplinar envolveu diferentes áreas do conhecimento e fortaleceu as trocas e os contatos entre os dois países.

**Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina
Fabiano Dalla Bona**